

1ª MIGRAÇÃO ENTRE 250 AC ATÉ 1400 DC

Em virtude das descobertas de linguistas, de antropólogos culturais, de historiadores e, mais recentemente, de geneticistas especializados no estudo de populações, a origem indiana dos Roms é um facto estabelecido. Contudo, muitas perguntas são apenas hipóteses: Como e quando os seus antepassados chegaram à Europa provindos da Índia? Quais foram as suas motivações e quem eram exactamente? Devido à falta de provas directas, a história pré-europeia dos Roms é apenas uma reconstituição.

Da Índia à Europa

A origem indiana e a “marcha em direcção à Europa” via Pérsia, Arménia e Ásia Menor na época do Império Bizantino são factos incontestados, sobretudo as provas da origem linguística. Por falta de documentos e de factos inegáveis e da importância da origem em qualquer processo de emancipação, esta questão é objecto de várias teorias fundadas tanto em factos científicos como em especulações mais ou menos bizarras.

Teriam saído de Delhi na Índia central na 1ª metade do 1º milénio DC deslocando-se para o Nordeste da Índia, no Punjab, na 2ª metade do 1º milénio DC, permanecendo aí algum tempo. Teriam atravessado a Pérsia e a Arménia para alcançar o império bizantino, a Ásia menor e finalmente a Grécia.

As descobertas linguísticas demonstram a chegada no império bizantino de um grupo homogéneo, pois todos os Roms recenseados hoje possuem uma base linguística – língua de origem indo-ariana - comum que engloba também elementos do vocabulário e da gramática grega. Também de acordo com estudos genéticos sobre grupos sanguíneos, mais recentes, os antepassados dos Roms eram indianos fazendo parte de um pequeno grupo relativamente homogéneo.

As diferenças no seio deste grupo teriam provavelmente aparecido apenas quando da época da sua chegada e disseminação pela Europa.

Também os antropólogos culturais sustentam esta hipótese assente em duas características ainda em vigor no seio dos grupos Rom - jurisdição interna do grupo e preceitos de pureza.

A data exacta que os Roms teriam partido da Índia é, ainda, desconhecida. Várias lendas alimentam este mistério. Contudo, fazendo ou não parte de grupos que se deslocaram da Índia Central até ao Nordeste da Índia, os cientistas admitem que os Roms teriam iniciado a sua deslocação prolongada entre os Séc. III e o X, mais provavelmente entre o Séc. VIII e X.

INICIO DA INSTALAÇÃO NA EUROPA E 1ª DISCRIMINAÇÃO ENTRE 1200 E 1700 DC

Esta 2ª fase da história dos Roms cobre o período que vai da “chegada à Europa”, no Séc. XV, assim como a situação dos Roms em diferentes regiões da Europa nos Séc. XVI e XVII: a sua situação no Império Otomano e na Europa Central, a servidão e escravatura na Valáquia e na Moldávia, a marginalização e perseguição nos países da Europa Ocidental. Teriam sido vistos em diversos locais simultaneamente, o que indicia vários grupos dispersos:

1381 Módon – Grécia	1423 Veneza – Itália
1385 Valáquia – Roménia actual	1425 Saragoça – Espanha
1386 Salónica – Grécia	1427 Paris – França
1402 Viena – Áustria actual	1428 Moldávia
1407 Amesterdão – Holanda actual	1436 Bordeaux – França
1413 Constância – Suíça	1444 Kiev – Ucrânia actual
1414 Moldávia actual	1462 Sevilha – Espanha
1417 Hamburgo – Alemanha	1501 Vigo – na Rússia actual
1418 Nuremberga – Alemanha actual	1501 Ucrânia actual
1418 Praga – República Checa actual	1505 York – Inglaterra actual
1419 Avignon – França	1512 Uppsala – Suécia actual
1419 Milão – Itália	1513 Londres – Inglaterra actual
1419 Nuremberga – Alemanha	1510 Portugal
1420 Antuérpia – Bélgica actual	1540 Abo – Finlândia actual
1422 Roma e Florência – Itália	1574 Vera Cruz – Brasil (deportados de Portugal)

O 1º documento que nos remete aos ciganos em Portugal, data do início do século 1510, uma poesia de Luís da Silveira, do Cancioneiro de Garcia Resende, onde relata o Engano, cometido por um cigano, e, em 1521, Gil Vicente monta e apresenta sua notável peça, A Farsa das Ciganas, documento precioso, diálogo entre quatro ciganas Martina, Cassandra, Lucrecia e Giralda, palavras de pedinte das mulheres, carácter de sua etnia, dizem a *buena dicha*, cantam, dançam, e propõe-se a ensinar feitiços.

Chegada à Europa - Entre 1200 e 1500

Os Roms viviam provavelmente já no seio do Império Bizantino, na zona correspondente à Grécia actual, antes de 1200. Graças a um crescente número de testemunhos oriundos da população sedentária datando de 1400, os seus itinerários através da Europa puderam ser reconstituídos com precisão. Em 1450, os Roms tinha viajado por quase toda a Europa. Na Europa Central, as primeiras deportações e expulsões já aconteciam e não tardaram a organizarem-se em perseguições.

A influência do Império Otomano no povo Rom 1299-1922

Os Roms nos Balkans não viviam isolados do seu envolvimento cultural e histórico; pelo contrário, faziam parte integrante e, conseqüentemente, foram nitidamente influenciados pelos diversos povos da região. Um número importante de Roms ficaram nos Balkans durante séculos, outros partiram, levando com eles modelos culturais e tradições herdadas destas paragens. O Império Otomano dominou os Balkans durante mais de 5 séculos e deixou uma profunda marca na cultura e na história da região. O papel deste império é um factor chave na formação e na evolução do povo Rom.

Na Valáquia e Moldávia – Roménia actual

Diferentemente ao que se passou nas outras regiões europeias, os Roms nas antigas Valáquia e Moldávia (a Roménia actual) viveram na escravatura durante 5 séculos. Foi preciso esperar o meio do séc. 19 e a abolição da escravatura para que um grande número deles abandonasse o país e migrasse para a Europa central e ocidental, bem como para a América.

Europa Central

O destino dos Roms na Europa Central entre a sua chegada e o séc. 18 foi fortemente influenciado por inúmeras guerras e perturbações políticas surgidas na região, em particular o conflito permanente entre o Império Otomano e o Santo Império Romano. Até ao fim do séc. 17, período o qual os Turcos começaram a recolher rapidamente após a batalha de Viena em 1683, os Roms

CRONOLOGIA DA VINDA DOS CIGANOS PARA A EUROPA E SUA DISSEMINAÇÃO NO MUNDO ¹

dos territórios húngaros foram confrontados a duas políticas diferentes. Sob o regime Otomano, as suas qualidades de artesão e músicos foram muito apreciadas. Nas zonas controladas pelos Habsburgos, foram apenas tolerados. Contudo, em certas regiões e, especialmente nos condados da Hungria Ocidental, limítrofes das terras da coroa dos Habsburgos, estas duas abordagens coexistiram e expuseram os Roms a condições constantes de mudança.

Europa Ocidental

O período durante o qual os Roms recebem cartas e salvos condutos concedidos pelos soberanos e beneficiaram de esmolas e de alojamento nos países da Europa Central e Ocidental não dura muito tempo. A partir do início do séc. 16, leis mais ou menos radicais ordenam a sua expulsão, a sua deportação e perseguições abertas: uma evolução que se conclui com o assassinato organizado dos Roms. Com frequência, como em Espanha ou no Santo Império Romano, a crueldade das perseguições atingem o seu apogeu no séc. 18.

POLÍTICAS DOS ESTADOS: INTEGRAÇÃO, ASSIMILAÇÃO FORÇADA, DEPORTAÇÃO ENTRE 1700 E 1850 DC

No Séc. XVII, “Idade das Luzes”, na história europeia, os Roms são expostos a “novos métodos” de discriminação: internamento em Espanha e leis ordenando a assimilação forçada no império austro-húngaro; estes métodos contrastam com a que é geralmente reservada aos ciganos na Rússia onde são considerados como iguais entre os vários súbditos do Czar, gozando de todos os direitos civis.

Império Austro-Húngaro

Muito cedo, as pessoas tentaram impedir os Roms de perseguirem o seu modo de vida e de preservar a sua cultura. A uma larga escala, contudo, as políticas de assimilação à população maioritária tiveram em seu favor déspotas esclarecidos. A imperatriz Maria Teresa e o seu filho José II, em particular, perseguiram programas visando favorecer a sedentarização e a assimilação dos Roms. Em vez de utilizar a violência física, uma nova forma de crueldade foi inventada a fim de transformar os Roms “incontroláveis” – pelo menos do ponto de vista do Estado, “improdutivos” em sujeitos sedentários e rentáveis: atribuíram-se terras aos Roms, mas foi-lhes proibido falarem o Romani e casarem-se entre si; foram recenseados e os seus filhos lhes foram retirados. Contudo, estas medidas apenas têm sucesso na Hungria Ocidental: a região correspondente ao Burgenland austríaco de hoje e às zonas adjacentes. Noutros territórios do império, assim como em Espanha e na Alemanha, onde a pressão assimilacionista se faz cada vez mais forte, a política dos soberanos termina em insucesso.

O Império Russo

O Império Russo exerceu a sua influência sobre muitos povos. Contrariamente a outros países da Europa, a Rússia – desde o início e por um longo período – considerou os Roms como sujeitos iguais do império, gozando de todos os direitos civis anexados a este estatuto. Os esforços administrativos do Estado visaram incitar os Roms a assumirem as suas obrigações enquanto cidadãos. Esta política era antes de mais uma política “normal”; os Roms eram considerados como uma parte inseparável da sociedade e submetida à legislação geral. As políticas especiais que lhes foram eventualmente aplicadas visavam aproximá-los da sociedade sem os constringer à assimilação.

A grande razia dos “Gitanos” em Espanha.

O período do despotismo esclarecido ofereceu às autoridades possibilidades alargadas de aplicar medidas a todas as pessoas submetidas à sua jurisdição. Em Espanha, esta situação levou a um dos episódios mais dolorosa da história da comunidade cigana do país: a razia geral executada sob o reinado de Fernando VI, a 30 de Julho de 1749. A operação – tão minuciosamente preparada que sistemática – conduziu ao internamento de 10 a 12 mil pessoas pelos simples facto de serem ciganas. A coordenação das diferentes autoridades públicas implicadas, a cooperação da Igreja (que permaneceu passiva perante uma tal injustiça), os excessos cometidos por todas as pessoas tendo tornado a operação possível e a colaboração de concidadãos e de vizinhos das vítimas conferiram a esta “quarta-feira negra”, nome por que ficou conhecida na história, o carácter único na longa série de persecuções anti-ciganas levadas a cabo na Europa.

2ª MIGRAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO ENTRE 1850 E OS ANOS DE 1930

O meio do séc. 19 tornou-se palco de um segundo movimento migratório que iria mudar a população Rom no mundo inteiro. Os Kalderash, os Lovari e outros grupos Roms da Europa Central e do Sudoeste partiram para Leste e para Oeste e acabaram mesmo por atingirem a América e a Austrália. Este segundo fluxo migratório – assim designado porque o primeiro fluxo foi observado em 1400 – resultou de mudanças sociais profundas, nomeadamente a abolição da escravatura na Valáquia e na Moldávia (actual Roménia) assim com o advento da industrialização.

Durante a 2ª metade do Séc. XIX, um 2º movimento migratório produziu-se: grupos Roms da Europa Central e do Sudeste partem em direcção a outras regiões da Europa sem hesitar, em certos casos, a atravessar os mares. Os processos e as mudanças políticas advindas por volta dos Séc. XIX e XX afectam também os Roms. Estas mudanças reflectem-se na intensificação da discriminação numa região outrora parte integrante do império austro-húngaro e pelo tratamento infligido aos Roms como sendo um povo à parte, ainda que fizesse parte integrante da sociedade, na jovem União Soviética.

Áustria e Hungria em 1850-1938

A monarquia promulgou um número sempre crescente de leis e regulamentos limitando as possibilidades dos Roms de ganhar a vida. As interdições de viajar são seguidas de uma sedentarização forçada, de uma inscrição a larga escala e defesa de exercer certos ofícios. As dificuldades económicas e a propaganda nacional-socialista agravaram a situação. Por fim, os trabalhos forçados, a deportação e a esterilização foram propostas visando a “questão cigana” no quadro de “uma solução nacional-socialista”.

A União Soviética antes da 2ª guerra mundial

A criação da União Soviética foi, com frequência, qualificada de “grande experiência histórica” tendo selado a sorte de um grande número de povos e de uma boa parte do mundo. As políticas face aos Roms na União Soviética podem ser anexadas a dois períodos bem distintos e fundindo-se sobre dois princípios fundamentais radicalmente diferentes: 1) entre a criação da União Soviética e 1938, elemento constitutivo da sociedade soviética; 2) depois de 1938, o modelo mudou em proveito de uma abordagem especial e globalizante: os Roms foram desde então considerados antes de mais como parte integrante da sociedade soviética.

<p>O HOLOCAUSTO – PERSECUÇÃO, INTERNAMENTO, GENOCÍDIO ENTRE – 1938 E 1945 Holocausto ou Samudaripen (genocídio cigano). A perseguição aos ciganos, que durou vários séculos, conheceu o seu apogeu com o genocídio cometido durante a era Nazista. Qualificados de “problema” e considerados “associais” e “radicalmente inferiores”, os Roms foram detidos e assassinados durante o Reich alemão e nos territórios ocupados. O genocídio nazi marca uma ruptura na história recente dos Roms. Corresponde ao apogeu de uma atitude secular de discriminação, de estigmatização e de perseguição. Inúmeros grupos não ultrapassaram o Holocausto até hoje. O Holocausto não pode ser tratado como pertente ao passado: faz sempre parte integrante da vida dos Roms, de modo que os não-Roms devem estar sensibilizados para esta fase da história deles.</p>
<p>Campos de concentração Após um período relativamente breve de medidas discriminatórias cada vez mais severas, os Roms residentes no Reich alemão – territórios ocupados e países submetidos à jurisdição de Berlim – foram, a partir de 1938, deportados, internado e assassinados. Em 1945, um Rom sobre 4 – de entre os que viviam na Europa antes da guerra – foram vítimas de perseguições nazistas.</p>
<p>Período fascista na Itália Em Itália as vítimas da ditadura fascista incluíram também os Roms. Hoje, quando as investigações históricas não estão se não no seu início e deverão ultrapassar mais de meio século de negligência mais ou menos deliberada e de “buracos de memória”, pode afirmar-se com certeza que os Roms foram perseguidos, registados e aprisionados pelo governo fascista da época. Os internados sofreram frio, fome e doenças até à morte.</p>
<p>Internamento em França de 1940-1946 Em França, duas abordagens diferentes mas paralelas coexistiram relativamente ao que é chamado “a questão cigana”. A abordagem francesa consistindo em recorrer ao internamento afim de integrar os ciganos na sociedade maioritária prevalece sobre a abordagem alemã do internamento enquanto primeira fase de um assassinato colectivo. Assim, os Roms em França, diferentemente dos seus homólogos dos outros países ocupados pelos alemães, não foram exterminados nos campos de concentração de Auschwitz. Contudo, não escaparam à perseguição: famílias inteiras foram internadas nos campos especiais pelo país todo durante e depois da ocupação nazi.</p>
<p>O período nazi nos estados Bálticos Nos estados bálticos, o assassinato dos Roms seguiu-se imediatamente ao ataque alemão de 1941. Os SS e a Wehrmacht matam os Roms que caíem nas suas mãos. Mais tarde, os alemães perseguem esta política de exterminação com a ajuda das autoridades dos países ocupados. Na Estónia, apenas 5 a 10% da população Rom de antes da guerra sobreviveram à ocupação alemã.</p>
<p>Deportações na Roménia Depois da abolição da escravatura em 1856, o estado Romeno desinteressou-se pelo destino dos Roms durante um século. Contudo, em 1942 – seja 2 anos depois da subida ao poder – a Guarda de Ferro começou as deportações massivas dos Roms. Como os judeus, os Roms foram levados para o outro lado de Dniestr, no Sudeste da Ucrânia. Foram deportados nesta região sem poder levar os seus bens pessoais ou de primeira necessidade e penaram 2 anos de fome, de doença e de morte. Apenas metade dos Roms deportados sobreviveram até Março de 1944, data em que a Roménia começa a evacuar todos os cidadãos da Transnístria (actual Moldávia).</p>

DISCRIMINAÇÃO PROLONGADA E LUTA PELOS DIREITOS DO HOMEM DESDE 1945 ATÉ HOJE

Situação dos sobreviventes dos campos de concentração

Quando os raros sobreviventes do Holocausto regressaram a casa, perderam – na maior parte dos casos – a família e os seus bens. Contudo, foram regularmente acusados de mentir sobre o seu internamento no campo de concentração e viram recusada toda a ajuda das autoridades no pós-guerra; estas continuam a fundamentar-se em pressuposições e preconceitos que decorrem há décadas. Na Alemanha e na Áustria, restituições ou indemnizações foram atribuídas mais tarde, mas será preciso entrar nos meados dos anos 1990 para que os interessados ainda em vida recebessem uma proposta decente. Nos países socialistas, os Roms não foram simplesmente reconhecidas como vítimas do Holocausto.

Política do Estado nos países comunistas

Com fim da 2ª guerra mundial emerge o que se chama de “bloco socialista” sobre uma boa parte da Europa, em países que albergam numerosos Roms. As mudanças sociais e económicas introduzidas nestes países, de acordo com a nova ideologia comunista, afectaram o conjunto da população, incluindo os Roms. Apesar dos parâmetros ideológicos comuns, as políticas respectivas de cada país, em relação aos Roms, não são idênticas: existem diferenças ligadas a modelos herdados do passado ou a estratégias nacionais. O seu principal objectivo foi a integração na sociedade: uma abordagem que, em certos países, foi até advogar uma luta a favor da assimilação.

Institucionalização e emancipação

Durante grande parte do séc. 20, as actividades emancipadoras ficaram acantonadas a experiências praticamente isoladas. Nos anos 1950-1960, um número crescente de ONG foram criadas e prepararam terreno para o “movimento Rom” dos anos 1970. Esta década viu a emergência de uma superabundância de organizações Roms nacionais e locais; perseguiram toda a espécie de objectivos e implementaram esforços consideráveis visando garantir aos Roms uma representação política a nível internacional. Desde 1989, em vários países da Europa de Leste, os Roms são cada vez melhores representados no seio de órgãos políticos municipais e nacionais.

1º Congresso Mundial Rom em 1971. 2º Congresso Mundial Rom em 1978 (dando origem à URI-União Internacional Romani). Em 1986, a URI integra a UNICEF. Em 1999, a URI integra a OSCE, organizando uma Conferência Mundial em Varsóvia em 1994. Em 2000, a URI realiza o seu 5º Congresso em Praga. Em 2004, o 6º Congresso da URI realiza-se em Itália.

3ª MIGRAÇÃO E PROCESSOS DE EMANCIPAÇÃO DESDE OS ANOS DE 1960 ATÉ HOJE

A migração recente do Leste para Oeste dos Roms inicia-se no quadro dos movimentos de trabalhadores migrantes entre a Europa do Sudeste e a Europa Ocidental e intensifica-se com o colapso da União Soviética e dos seus satélites e a desintegração da República Federal da Jugoslávia. Os processos que conduzem igualmente a conflitos armados multiplicam-se e abatem-se também sobre os Roms a vários níveis: vítimas da guerra, grupo étnico marginalizado cujos membros vêem reconhecido apenas o estatuto de refugiado económico nos países de destino.

Terceira migração

Depois da primeira aparição dos Roms na Europa e do fluxo de imigração dos Roms consecutiva à abolição da escravatura na Roménia (2ª migração, cerca de 1850), o último movimento migratório dos Roms de Leste para Oeste no continente Europeu remonta à 2ª metade do séc. 20. Esta 3ª migração deve ser avaliada sob o ângulo de factores externos: as guerras, as mudanças políticas e as crises económicas resultantes empurram muita gente a abandonar os seus países de origem; no caso dos Roms, é preciso acrescentar um racismo e uma discriminação aguda em todos os domínios da vida quotidiana.

Refugiados da Hungria em 1956, durante o levantamento 150 mil pessoas fugiram do país, inclusive Roms, e foram para a Áustria.

Trabalhadores estrangeiros nos anos 1960-1970. Roms Jugoslavos – originários das regiões mais pobres da Servia, da Macedónia e da Bósnia-Herzgovina – emigram para a Europa Ocidental, preferindo a Itália, a Alemanha, a França e a Holanda.

Refugiados da Roménia entre 1990 e 1995.

Pedidos de asilo vindos da Bósnia-Herzgovina entre 1991-1995.